



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

DIMENSÕES DO AUTO-CONCEITO SOCIAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Paula Vagos
Anabela Pereira
Universidade de Aveiro

RESUMO

O presente trabalho objectiva conhecer que dimensões se salientam no auto-conceito social do adolescente e jovem adulto, definido como um conjunto de crenças e expectativas acerca de si mesmo enquanto ser social, do outro e da relação, que influi no comportamento social, inerente ao estabelecimento de relações de qualidade, e, conseqüentemente, ao bem-estar psicológico do indivíduo. Conhecer a estrutura do auto-conceito social, e se esta se mantém ao longo de diferentes fases de desenvolvimento, poderá contribuir para compreender e fomentar relações sociais bem sucedidas. Uma amostra de 380 alunos do ensino secundário e superior respondeu a um questionário exploratório, cujos itens pretendem abarcar aspectos relativos à percepção de si mesmo, do outro e da relação. Os resultados obtidos foram submetidos a uma análise factorial exploratória, que levou a reter 6 conteúdos significativos: respeito, apoio e reciprocidade na relação; percepção do outro; percepção instrumental de si próprio; percepção emocional de si próprio; gestão da frustração na relação e hetero-aceitação. Estes conteúdos foram analisados na sua pertinência teórica. Foram realizadas análises posteriores para verificar diferenças segundo o sexo ou grau de ensino. Os resultados obtidos permitem concluir da multidimensionalidade de conteúdos associados ao auto-conceito social, e também que a sua estrutura parece variar em função dos dois critérios considerados. São discutidas implicações para a compreensão das relações sociais do adolescente e jovem adulto, especialmente com pares, bem como para a intervenção face à desadequação do auto-conceito social ou à incongruência entre expectativas e realidade social.

Palavras-chave: Auto conceito social, estrutura, desenvolvimento

ABSTRACT

The present work aims to know which dimensions become high lightened in the social self-concept of adolescents and young adults, defined as a set of beliefs and expectations about oneself as a



DIMENSÕES DO AUTO-CONCEITO SOCIAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

social being, the other and the relationship, that influences social behavior, leading to quality relationships and, thus, to psychological well-being. Knowing the structure of social self-concept, and if it is kept in different developmental stages, can contribute to understanding and promote successful social relationships. A sample of 380 secondary and high school students answered a exploratory questionnaire, with items aimed to address issues related to the self, other and the relationships. We conducted an exploratory factor analysis, which lead to retaining 6 meaningful contents: relationship respect, support and reciprocity, other representation, instrumental self representation, emotional self representation; frustration management and other acceptance. These contents were analyzed according to their theoretical relevance. Gender and school level differences were assessed. We can conclude about the multidimensionality of contents associated with social self-concept, and that its structure seems to be different according to age or school level. Implications to understanding social relationships of adolescents and young adults, specially with peers, are discusses, as well as to intervention aimed at a non adequate social self-concept or to the differences between expectations and social reality.

Key-words: Social self-concept, structure, development

INTRODUÇÃO

O auto-conceito tem recebido atenção crescente em psicologia, promovida pelo trabalho de Shavelson, Hunber e Stanton (1976, 1982), que concluíram existirem sérias lacunas na investigação a nível da definição e operacionalização do constructo.

Nesse sentido, propuseram a definição do auto-conceito como um constructo hipotético, contendo percepções acerca de si próprio, formadas pela interpretação de experiências com o meio ambiente, particularmente avaliações e reforços de outros significativos e atribuições do próprio comportamento (Burn, 1979; Fox, 1990; Simões, 1991; Silva & Ferreira, 2005). Um dos grandes contributos de Shavelson e colaboradores (1976) foi a proposta de um modelo hierárquico, multidimensional e correlacional do auto-conceito, que tem guiado investigações, no sentido de o validar, validando as conclusões e generalizações acerca do constructo.

No topo da hierarquia, mais estável, situa-se o auto-conceito geral. Descendo na hierarquia, e em grau de estabilidade, o auto-conceito é dividido entre o âmbito académico e não académico. O primeiro divide-se em diferentes áreas académicas, enquanto o segundo se divide nos domínios social, emocional e físico. No último nível da hierarquia situam-se facetas ligadas a comportamentos específicos e contingentes do contexto. Estas dimensões são constituídas por aspectos descritivos e avaliativos, tornando-se mais diferenciadas e complexas com a idade (Marsh & Hattie, 1996).

Merece-nos aqui particular relevo o auto-conceito social, um dos principais domínios do auto-conceito geral, incluído como subescala em várias escalas de auto-conceito (Bracken, Crunch, Keith & Keith, 2000). É definido como uma representação do quanto se é amado ou admirado por outros ou da própria competência e adequabilidade social, em contextos e interações específicas ou generalizadas (Berndt & Burgy, 1996). Torna-se cada vez mais diferenciado com a idade, estabilizando no fim da adolescência, a não ser que interrompido por uma transição desenvolvimental, social e educacional (Harter, 1999; Cole et al, 2001). A transição para o Ensino Superior, sendo essencialmente um processo de integração social (Seco et al, 2005), pode ter um impacto negativo no auto-conceito, que apenas progride positivamente a partir do segundo ano (Pereira, 1991; Silva & Ferreira, 2005).



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

Este conceito é também definido como multidimensional e hierarquicamente organizado (Byrne, 1994). O foco de estudo das suas dimensões tem sido o nível mais baixo da hierarquia, ou seja, as relações específicas que se podem estabelecer com outros significativos (Byrne, 1994; Silva & Ferreira, 2005), apesar da evidência encontrada na literatura da validade deste nível análise ser ainda escassa (Marsh, 1990).

Uma definição clara do auto-conceito social, baseada num instrumento de avaliação específico, dirigida a reconhecer a sua estrutura e relevância para a vida social do indivíduo, continua a ser necessária (Berndt & Burgy, 1996). O presente trabalho pretende ser uma contribuição para preencher esta lacuna.

MÉTODO

Participantes

Trezentos e oitenta estudantes participarem no estudo, sendo 40.3% ($n = 153$) do sexo masculino e 59.7% ($n = 227$) do sexo feminino. A média de idades é de 18.97 anos (D.P. = 2.47), variando entre os 15 e os 27 anos. Relativamente ao seu grau de ensino, 42.6% ($n = 162$) frequentavam o Ensino Secundário e 57.4% ($n = 218$) o Ensino Superior. Destes, 30.5% ($n = 116$) frequentavam o 1º ano e 26.8% ($n = 106$) frequentavam desde o 2º ao 5º do Ensino Superior.

Instrumentos

Foi utilizado como instrumento de avaliação uma escala tipo likert, com 47 itens, construído pelas autoras para avaliar o auto-conceito social, entendido no presente trabalho como o conjunto de crenças ou expectativas acerca de si próprio enquanto ser social, do outro e das relações.

O constructo foi teoricamente definido a priori, condição necessária a testar modelos multidimensionais correlacionais (Marsh & Hattie, 1996), segundo os seguintes critérios: a) pretendíamos avaliar os aspectos descritivos do auto-conceito social (não os avaliativos, cognitivos ou afectivos), de acordo com a distinção feita por James (1890, citado por Simões, 1991) ou Marsh e Hattie (1996); b) pretendíamos avaliar o auto-conceito social geral, relativo a representações abstractas e generalizadas da interacção social (não de interacções com outros significativos específicos), baseado no factor de segunda ordem definido por Shavelson, Hubner e Stanton (1976); c) representações sociais deverão ser relativas ao self, ao outro e às relações possíveis entre ambos, de acordo com teorias interpessoais e sócio-cognitivas (Safran, 1990; Horowitz, 1991).

Nenhuma das subescalas (Marsh, 1984; Vaz Serra, 1986; Roid & Fitts, 1988; Bracken, 1992) ou escalas (Bornholt, 2000) referentes ao auto-conceito social de que tenhamos conhecimento considera estes critérios. Pelo contrário, focam-se maioritariamente na avaliação e comparação social.

Procedimentos

Após obtida autorização das escolas, os estudantes foram convidados a participar no estudo, respondendo voluntariamente ao questionário em contexto de sala de aula, em tempo cedido pelo docente. Foram informados acerca dos objectivos do estudo e foi-lhes garantida a confidencialidade e anonimato das respostas.



DIMENSÕES DO AUTO-CONCEITO SOCIAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

RESULTADOS

Características psicométricas

A análise factorial exploratória realizada levou a reter seis factores relevantes, que explicam no total 56.32% da variância. Os itens foram atribuídos ao factor em que a sua saturação fosse mais alta. Quando teoricamente mais pertinente a sua atribuição a outro factor, a saturação nesse factor teria de ser, ainda assim, superior a .35. Foi mantida uma escala geral, obtida pelo somatório de todos os itens. Todas as subescalas e escala completa obtiveram bons índices de fidelidade (Cronbach alpha) (Tabela 1).

Foi realizada uma análise de validade dos itens, baseada nos seguintes critérios:

1. Consistência interna, quando a correlação entre cada item e a escala completa é superior a .40. Apenas 2 itens não cumpriram este critério (4 e 45, que obtiveram índices de correlação de .32 e .36 respectivamente);
2. Validade convergente, quando a correlação entre cada item e a escala a que pertence, excluindo o próprio item, é superior a .40. Apenas 2 itens não cumpriram este critério (3 da subescala 6 ($s = .35$) e 45 da subescala 5 ($s = .32$));
3. Validade discriminante, quando a correlação entre cada item e a escala a não que pertence é superior em .10 à correlação obtida em 2. Vinte e nove itens não cumpriram este critério, abrangendo todas as subescalas.

Tabela 1: Análise de Componentes Principais (ACP)

Componentes	Item	Saturação
1. Respeito, apoio e reciprocidade na relação (8 itens) Ex: 26. Negociar, ceder ou fazer acordos faz parte das relações Definição geral: sentimento de que as relações estabelecidas são fonte de apoio, respeito e valorização mutua. $\alpha = .89$; variância explicada = 14.63%	25	.635
	26	.511
	28	.620
	29	.721
	31	.736
	35	.633
	37	.473
	40	.706
2. Percepção de outro (9 itens) Ex: 2. Existem algumas pessoas em quem posso contar e que nunca me abandonarão Definição geral: representação positiva do outro, que é alguém de confiança e que contribui, na relação, para a valorização pessoal. $\alpha = .90$; variância explicada = 11.71%	2	.729
	5	.648
	6	.626
	7	.579
	8	.622
	9	.616
	10	.678
	12	.369
	32	.444
3. Percepção emocional de si próprio (10 itens) Ex: 11. O que faço, penso e sou tem valor Definição geral: representação de si mesmo enquanto alguém alvo de afecto positivo, tanto por si próprio como por outros.	11	.474
	14	.386
	15	.415
	20	.451



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

$\alpha = .87$; variância explicada = 9.86%	33	.486
	34	.541
	36	.549
	38	.666
	39	.672
	41	.439
4. Percepção instrumental de si próprio (9 itens) Ex: 21. Sou capaz de realizar tarefas em várias áreas da minha vida (familiar, pessoal, amorosa...) Definição geral: representação se si próprio como alguém capaz de definir objectivos e prosseguir na sua concretização. $\alpha = .91$; variância explicada = 8.8%	13	.455
	16	.558
	17	.656
	18	.591
	19	.493
	21	.543
	22	.405
	23	.469
	27	.543
	5. Gestão da frustração na relação (6 itens) Ex: 46. Toda a gente erra às vezes Definição geral: representação da relação como passível de gerar frustração, com a qual se pode lidar adequadamente . $\alpha = .77$; variância explicada = 5.53%	42
43		.567
44		.655
45		.509
46		.434
47		.532
6. Hetero-aceitação (5 itens) Ex: 24. Os outros respeitam-me quando não lhes faço a vontade. Definição geral: representação do outro como alguém honesto e aceitante das características do próprio. $\alpha = .70$; variância explicada = 5.8%	1	.436
	3	.537
	4	.679
	24	.665
	30	.491
Escala Completa (47 itens) Definição geral: representação dos próprios atributos, atributos da relação e dos outros como positivos e conducentes ao sucesso e bem-estar social. $\alpha = .96$; variância explicada = 56.32%		

Análise de Subescalas

Verificámos existirem diferenças significativas entre as médias de todas as subescalas, excepto para as subescalas 1, 3 e 4. Estas subescalas obtiveram os valores mais elevados, seguidas da subescala 2, 6 e 5, que obteve valores significativamente mais baixos que qualquer outra (tabela 2).

Tabela 2: Médias de subescalas

	Subescala 1	Subescala 2	Subescala 3	Subescala 4	Subescala 5	Subescala 6
N	376	370	370	376	368	372
Média	35.24	34.48	35.49	35.51	22.85	12.33
D.P.	6.48	6.95	7.02	6.52	4.17	2.92



DIMENSÕES DO AUTO-CONCEITO SOCIAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Diferenças por gênero

Encontrámos diferenças significativas em função do gênero, para as subescalas 1 ($z = -4.92$; $p = .000$), 2 ($z = -3.86$; $p = .000$), 4 ($z = -2.95$; $p = .003$), 5 ($z = -4.12$; $p = .000$) e total ($z = -3.11$; $p = .002$), com supremacia para o sexo feminino (tabela 3).

Tabela 3: Médias por subescala por sexo

		N	Média	D.P.
Subescala 1	Sexo masculino	151	33.43	7
	Sexo feminino	225	36.67	5.69
Subescala 2	Sexo masculino	146	32.82	7
	Sexo feminino	224	35.57	6.71
Subescala 4	Sexo masculino	150	34.13	7.17
	Sexo feminino	226	36.42	5.9
Subescala 5	Sexo masculino	146	21.65	4.6
	Sexo feminino	222	23.64	3.66
Total escala	Sexo masculino	135	170	31.84
	Sexo feminino	208	181.69	24.96

Diferenças por grau de ensino

Os alunos do 1º ano diferenciam-se significativamente do ensino secundário e dos restantes anos do ensino superior, neste último caso excepto na subescala 6. Obteve sempre resultados superiores (tabela 4).

Tabela 4: Médias por subescalas por graus de ensino

		N	Média	D.P.	Valor de teste
Subescala 1	Ensino. Secundário	159	34.72	6.16	$z = -4.35^{**}$
	1º ano	116	37.72	5.84	
	Ensino Superior	101	33.23	6.81	$z = -4.98^{**}$
Subescala 2	Ensino. Secundário	158	34.06	6.66	$z = -3.55^{**}$
	1º ano	113	36.77	6.43	
	Ensino Superior	99	32.56	7.30	$z = -4.32^{**}$
Subescala 3	Ensino. Secundário	158	34.68	6.83	$z = -2.94^{**}$
	1º ano	112	37.22	7.09	
	Ensino Superior	100	34.85	6.97	$z = -2.46^*$
Subescala 4	Ensino. Secundário	160	35.61	5.92	$z = -2.32^*$
	1º ano	115	37.09	6.31	
	Ensino Superior	101	33.54	7.18	$z = -3.73^{**}$
Subescala 5	Ensino. Secundário	156	22.84	4.05	$z = -2.29^*$
	1º ano	113	24.04	3.89	
	Ensino Superior	99	21.52	4.23	$z = -4.17^{**}$



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

Subescala 6	Ensino. Secundário	159	11.94	3.05	$z = -2.39^*$
	1º ano	113	12.96	3	
Escala Total	Ensino. Secundário	143	175.74	24.49	$z = -3.46^{**}$
	1º ano	106	186.45	28.15	
	Ensino Superior	94	168.63	31.34	$z = -4^{**}$

** significativo a 0.01

* significativo a 0.05

Apenas encontrámos diferenças significativas entre o ensino secundário e outros anos do ensino superior para as subescalas 4 ($z = -2.17$; $p = .03$) e 5 ($z = -2.45$; $p = .01$).

DISCUSSÃO

O auto-conceito social surge como um constructo multidimensional, subdividido em vários conteúdos relevantes mas não diferenciados, e adequadamente medido pelo instrumento em causa, que obteve boas características psicométricas. Os conteúdos encontrados referem-se a representações positivas dos agentes e características inerentes à interacção social, associando-se a expectativas de bem-estar e sucesso social. Especificamente, o auto-conceito social associa-se ao respeito, apoio, reciprocidade e gestão da frustração na relação, à percepção do outro, à percepção emocional e instrumental de si próprio e à hetero-aceitação.

Os conteúdos mais descritivos do self em termos sociais referem-se à relação, a si próprio e ao outro, tal como teoricamente proposto, ainda que a percepção do outro seja significativamente menos importante. A gestão da frustração na relação e a hetero-aceitação parecem ser secundárias, não se verificando a importância de reacções de aceitação e valorização de outros (Bracken, 1996). No momento de desenvolvimento avaliado, as características transmitidas pela interacção e aceitação de outros poderão já estar interiorizadas e ser vistas como pessoais (Che, Boucher & Tapias, 2006).

Os aspectos descritivos do self avaliados parecem sobrepor-se teoricamente a aspectos cognitivos, organizadores do mundo social em que o sujeito se move e experiencia. Baldwin (1997) refere-se ao esquema relacional, enquanto estrutura de processamento cognitivo, constituído por padrões relacionais, aspectos relativos ao self e ao outro, que serviria de guia à interpretação, comportamento e adaptação social (Safran, 1990; Holmes, 2000). Uma interpretação discrepante da realidade social parece associar-se a sintomas psicopatológicos (Shirk, 1998). Conhecer o auto-conceito social, como a descrição de pensamentos imediatos subjacentes a estruturas cognitivas profundas e, portanto, meio de lhes aceder, poderá ter pertinência clínica.

O sexo feminino obteve resultados superiores. Descreve a sua vivência social como mais positiva, a si e ao outro de forma socialmente adequada, e a frustração na relação como mais fácil. Tal vem de encontro à influência de estereótipos sociais, sendo as mulheres educadas para valorizar a interacção e coadunar-se com as regras sociais (Cole et al, 2001), o que pode ter consequências na natureza das relações estabelecidas e das representações criadas acerca de si mesmo. De notar que, ainda que não significativamente, o sexo masculino pontuou mais na subescala de hetero-aceitação, parecendo descrever-se mais como sendo aceite pelos outros com quem se relaciona.

Os alunos do 1º ano do Ensino Superior apresentam uma auto-descrição social mais baseada em aspectos positivos, o que não parece coadunar-se com a perspectiva da entrada na universidade como um momento crítico de adaptação, com implicações ao nível do auto-conceito de desestruturação



DIMENSÕES DO AUTO-CONCEITO SOCIAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

ao nível do auto-conceito. Pelo contrário, o 1º ano do Ensino Superior parece associar-se a um fomento do olhar e pensar-se a si próprio em termos sociais, talvez estimulado pela necessidade de reestruturação das redes de suporte social, necessárias à adaptação e investimento académico, e ao bem-estar psicológico e à integração social (Seco e tal, 2005).

Assim, em termos desenvolvimentais, o auto-conceito social parece desenvolver-se em forma U invertido, estando o ensino secundário ao mesmo nível de restantes anos do ensino superior, enquanto que o 1º ano está num nível superior de diferenciação e ênfase na dimensão social do auto-conceito.

Algumas questões importantes à compreensão e validade do constructo do auto-conceito social permanecem em aberto. Seria interessante verificar se a estrutura encontrada se encaixa num modelo hierárquico correlacional. Avaliámos os aspectos descritivos do auto-conceito social real; ficam por considerar aspectos cognitivos e o auto-conceito ideal ou de dever, bem como relações entre eles. A validade externa do presente instrumento, conducente à delimitação e definição do constructo continua a ser necessária. Ainda, a natureza transversal do presente trabalho não permite verificar empiricamente o modelo desenvolvimental proposto para as faixas etárias em estudo.

O presente trabalho é um contributo a reconhecer a estrutura específica do domínio social do auto-conceito, permitindo defini-lo como um conjunto de crenças ou representações acerca da relação e dos agentes que nela intervêm. Importa aprofundar o conhecimento na área, no sentido de compreender e potenciar o desenvolvimento de um auto-conceito social que possa sustentar a satisfação das várias necessidades sociais com que somos confrontados quotidianamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baldwin, M. (1997). Relational schemas as a source of if-then self-inference procedures. *Review of General Psychology*, 1(4), 326-335.
- Berndt, T., & Burgy, L. (1996). Social self-concept. In B.Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, social and clinical implications* (pp.171-209). E.U.A.: John Wiley & Sons, Inc.
- Bornholt, L. (2000). Social and personal aspects of self knowledge: A balance of individuality and belonging. *Learning and Instruction*, 10, 415-429.
- Bracken, B. (1992). *Multidimensional self-concept*. Austin Tx: Pro-Ed.
- Bracken, B. (1996). Clinical applications of a context-dependent multidimensional model of self-concept. . In B.Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, social and clinical implications* (pp.463-501). E.U.A.: John Wiley & Sons, Inc.
- Bracken, B., Crunch, S., Keith, T., & Keith, P. (2000). Child and adolescent multidimensional self-concept: A five instrument factor analysis. *Psychology in the Schools*, 37(6), 483-493.
- Burns, R. B. (1979). *The self-concept: Theory, measurement, development and behaviour*. London: Longman.
- Byrne, B. (1994). Validating social self-concept structure for early/ late preadolescent and adolescents. Comunicação apresentada no Annual Meeting of American Psychological Association, L.A.
- Che, S., Boucher, H., & Tapias, P. (2006). The relational self revealed: Integrative conceptualization and implications for interpersonal life. *Psychological Bulletin*, 132(2), 151-179.
- Cole, D., Maxwell, S., Martin, J., Peeke, L., Seroczynski, A., Tram, J., et al (2001). The development of multiple domains of child and adolescent self-concept: A cohort sequential longitudinal design. *Child Development*, 72(6). 1723-1746.



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

- Fox, K. R. (1990). *The Physical Self Perception Profile Manual*. Northern Illinois University Office for Health Promotion: Dekalb.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self. A developmental perspective*. New York, NY: The Guilford Press.
- Holmes, J. (2000). Social relationships: The nature and function of relational schemas. *European Journal of Social Psychology*, 30, 447-495.
- Horowitz, M. (1991). *Person schemas and maladaptive interpersonal patterns*. Londres: The University of Chicago Press.
- Marsh, H. (1990) A multidimensional hierarchical model of self-concept: Theoretical and empirical justification. *Educational Psychology Review*, 2(2), 77-172.
- Marsh, H., & Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In B.Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, social and clinical implications* (pp.37-90). E.U.A.: John Wiley & Sons, Inc.
- Marsh, H., & O'Neill, R. (1984). Self-Description Questionnaire III: The Construct Validity of Multidimensional Self-Concept Ratings by Late Adolescents. , 21(2), 153-174.
- Pereira, A. M. S (1991) *Auto-conceito, coping e ansiedade social: sua relação com o rendimento escolar*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra: Universidade de Coimbra
- Roid, G., & Fittes, W. (1988). *Tennessee Self-concept Scale: Revised manual*. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Safran, J. (1990). Towards a refinement of cognitive therapy in light of interpersonal theory: I. Theory. *Clinical Psychology Review*, 10, 87-105
- Seco, G., Casimiro, M., Pereira, M., Dias, M., & Custódio, S. (2005). *Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: Pontes e alçapões*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Shavelson, R. J., & Bolus, R. (1982). Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology*, 74, 3-17.
- Shavelson, R., Hubner, J., & Stanton, G. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46, 407-441
- Shirk, S. (1998). Interpersonal schemata in child psychotherapy: a cognitive-interpersonal perspective. *Journal of Clinical Psychology*, 27(1), 4-16.
- Silva, S., & Ferreira, J. (2005). Desenvolvimento do auto-conceito em contexto do ensino superior: Uma evolução linear?. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 37(1), 159-194.
- Simões, M. (1991). *Auto-conceito: Que interesse para a psicologia educacional*. Trabalho realizado no âmbito da prestação de provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Covilhã: Universidade da Beira Interior
- Vaz Serra, A. (1986). O inventário clínico de auto-conceito. *Psiquiatria Clínica*, 7(2), 67-84.

Fecha de recepción: 28 febrero 2008

Fecha de admisión: 7 marzo 2008

